

INTRODUÇÃO

1. HEGEL EM JENA

No dizer de Rudolf Haym¹, a entrada em cena de Hegel no meio literário e científico de Jena, onde, conjuntamente com Schelling, assume a responsabilidade pela direcção do *Kritische Journal der Philosophie*, e onde, no semestre de Inverno de 1801-1802, iniciará a sua carreira académica na Universidade local, ficou marcada pelo começo de uma dupla polémica: com a filosofia pré-schellinguiana, por um lado, em particular com a de Kant e de Fichte, e, por outro, com a filosofia contemporânea, em particular, mas não exclusivamente, com a de K. L. Reinhold e C. G. Bardilli. Não é nosso propósito, nesta Introdução, seguir as sucessivas fases do desenrolar desta polémica, nem, tão pouco, mostrar o seu enraizamento no lento processo de maturação do próprio Hegel, desde os seus anos de Stiftler em Tübingen, e a sua prossecução para lá do horizonte temporal em que se inscreve esta Diferença entre os Sistemas Filosóficos de Fichte e de Schelling, até, pelo menos, esse extraordinário Prefácio que, em 1807, abre a *Fenomenologia do Espírito*. Notemos, apenas, que raramente na história da filosofia se terá visto entrada em cena mais retumbante: Hegel, que contava já 31 anos (sendo cinco anos mais velho do que Schelling), mas era ainda um desconhecido nos meios literários e científicos, tendo apenas publicado, anonimamente, dois pequenos textos de carácter político, revela,

¹ Rudolf Haym, *Hegel und seine Zeit*, Berlin, Verlag Rudolf Gaertner, 1857, reimp. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1974, p. 183.

nesta sua primeira obra filosófica, uma decidida vontade de «separar as águas» em filosofia, com uma audácia e uma segurança pouco comuns num estreante.

O título completo desta obra é *Diferença entre os Sistemas Filosóficos de Fichte e de Schelling, em relação com os «Contributos para uma Mais Fácil Visão do Estado da Filosofia nos Começos do Século Dezanove»*, 1.º Fascículo, de Reinhold (*de agora em diante, referi-la-emos, simplesmente, pela abreviatura Differenzschrift*), tendo sido publicada em Jena, em 1801, pelo editor Seidler. A «Advertência prévia» está datada de Julho desse mesmo ano, mas a redacção deverá ter sido concluída em meados da Primavera. Numa nota à p. 159 da edição original (ou seja, aproximadamente $\frac{4}{5}$ do total das 184 páginas da 1.ª edição), Hegel refere-se ao 2.º Fascículo do livro de Reinhold, publicado em meados de Abril de 1801, como tendo saído após aqueles linhas terem sido redigidas. Não sendo impossível que aquela nota tivesse sido acrescentada após a redacção definitiva da totalidade da obra — como aliás a «Advertência prévia» o foi — é verosímil que em inícios de Abril o trabalho se encontrasse já concluído.

A reacção dos contemporâneos foi um misto de surpresa e de admiração. A *Stuttgarter Allgemeine Zeitung* escreveu: «Schelling chamou da sua pátria um robusto campeão e, através dele, declara ao público estupefacto que mesmo Fichte está muito abaixo das suas teorias». Reinhold, em carta dirigida a Fr. Niethammer, a 27 de Janeiro de 1802, reconhece que Schelling encontrou um companheiro talentoso e hábil. Poder-se-ia ainda mencionar o testemunho de Schiller, em carta a W. von Humboldt de 18 de Agosto de 1803, em que Hegel é considerado uma «profunda cabeça filosófica», embora aqui o juízo de Schiller tenha já em conta a obra de 1802, *Fé e Saber*, e, provavelmente, o renome que Hegel, entretanto, adquirira como professor de filosofia na Universidade de Jena, apesar dos seus fracos dons de exposição². O próprio Schelling, em carta dirigida a Fichte a 3 de Outubro de 1801, refere-se à *Differenzschrift* como sendo a obra de um «espírito excelente»³.

² Sobre a reacção dos contemporâneos, bem como sobre a relação de Hegel com Schelling, à data da publicação da *Differenzschrift*, pode consultar-se a obra de Xavier Tilliette, *Schelling. Une Philosophie en Devenir*, Paris, Vrin, 1992, 2.ª ed., pp. 295-302.

³ Cf. Horst Fuhrmans, *Schelling. Briefe und Dokumente*, Band II, Bonn, Bouvier Verlag, 1965, p. 355.

Há algo de inesperado na escolha de Jena para o início de uma actividade filosófica diante do público, embora a presença de Schelling — a primeira figura filosófica da Universidade local, após o abandono forçado de Fichte em 1799, no seguimento de uma acusação de ateísmo — seja um factor de explicação preponderante. Fora em Jena, a capital do primeiro romantismo, que, entre 1798 e 1800, Friedrich Schlegel dirigira a efémera revista *Athenäum*, em torno da qual se agruparam, entre muitos outros, Novalis, Schleiermacher e Schelling. Nada, nas preocupações filosóficas, teológicas e políticas do jovem Hegel o parece aproximar desta primeira geração romântica, mantendo-se muito mais próximo do espírito do iluminismo, na senda crítica e reformadora, por exemplo, de um Lessing. O próprio facto de Hegel, na sua qualidade de autor da *Differenzschrift*, se identificar como «Weltweisheit Doktor»⁴, termo utilizado preferencialmente pelos círculos iluministas (em particular pelo filósofo iluminista berlinense Fr. Nicolai) para designar o filósofo, aponta já no sentido de uma certa filiação, que o conteúdo da obra não desmentirá. Dir-se-ia, mesmo, que nada nas preocupações filosóficas de Hegel, até 1800, indicia uma aproximação aos problemas com que se debate, em particular nas obras de Fichte e de Schelling, a filosofia alemã após Kant. Além disso, muito mais do que nas obras, quase contemporâneas, de Fichte ou de Schelling, transparece, neste primeiro escrito de Hegel, uma relação viva com a totalidade da cultura alemã da *Aufklärung* e do romantismo, um esforço consciente para colocar a filosofia no contexto das manifestações espirituais do seu tempo, concebendo-a como expressão da vida da humanidade, em profunda conexão com o desenvolvimento e as exigências da história⁵.

É certo que, como a *Differenzschrift* o reconhecerá de bom grado, Fichte e Schelling souberam descobrir no pensamento de Kant — em particular na *Dedução Transcendental das Categorias da Crítica da Razão Pura* — o princípio especulativo que não recebera aí o seu pleno desenvolvimento, a saber, a unidade do ser e do pensar. Mas as preocupações hegelianas (e, como veremos, o ano de 1801 não marca

⁴ Literalmente: «doutor em sabedoria mundana».

⁵ Acerca do profundo conhecimento que Hegel possuía, desde os seus tempos de estudante no *Stift* de Tübingen, da filosofia e da cultura alemãs do século XVIII, bem como acerca das suas preferências no domínio da literatura, são ainda de grande utilidade as investigações de Wilhelm Dilthey; cf. *Die Jugendgeschichte Hegels*, in *Gesammelte Schriften*, IV. Band, Stuttgart, Teubner/Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1959.

aqui uma ruptura, mas sim um aprofundamento) situam-se numa outra esfera; ou melhor, reconhecendo embora a importância decisiva daquela descoberta, Hegel pergunta de que modo ela pode influir na vida dos homens, realizando no plano prático (ou seja, no da religião e do direito) aquilo que o filósofo fizera já no domínio do pensamento.

Não é menos certo que, ainda aqui, podemos detectar a profunda influência de Kant. Um estudioso como Ernst Cassirer mostrou, quanto a nós de forma convincente, que é no horizonte de uma reinterpretação global da filosofia de Kant que Hegel, nos seus escritos teológicos de juventude, desloca o problema da unidade sintética, do campo do conhecimento puro para o campo da vida espiritual concreta, nomeadamente nas suas manifestações artísticas, religiosas e políticas⁶. Simplesmente, a direcção que toma, em Hegel, a interpretação da filosofia kantiana — e ainda tão patente, como veremos, nesta *Differenzschrift* —, afasta-o das preocupações que, nos últimos anos do século XVIII, dominavam os principais intérpretes, seguidores e opositores do filósofo de Königsberg.

É significativo que Hegel possa afirmar, quase no início da *Differenzschrift*, simultaneamente, que o filosofar começa com o filosofar — ou seja, que nada pode ser considerado filosófico se não receber da própria filosofia a sua justificação e legitimação —, e que a filosofia não se apoia numa proposição-de-fundo, ou que o absoluto não se resume a uma proposição absoluta, da qual todas as outras se deduziriam e na qual receberiam a sua fundamentação⁷. Mas é igualmente claro, pela leitura da carta que Hegel dirige a Schelling a 2 de Novembro de 1800 (da qual voltaremos ainda a falar mais adiante), que só nele via Hegel alguém com quem pudesse partilhar um programa de acção destinado a transformar o panorama filosófico e cultural da Alemanha, tal como apenas a amizade de Schelling — mais novo, mas gozando já de um apreciável prestígio — lhe poderia abrir as portas que proporcionassem à referida acção o âmbito alargado sem o qual

⁶ Ernst Cassirer, *Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit*, Band III, Berlin, Verlag Bruno Cassirer, 1923, pp. 285 e segs.

⁷ Hegel, *Differenzschrift*, in *Gesammelte Werke*, Band 4, «Jenaer Kritische Schriften», Hamburg, Felix Meiner, 1968, p. 24. Sobre este assunto, cf. Otto Pöggeler, *Hegels Idee einer Phänomenologie des Geistes*, Freiburg/München, Karl Alber Verlag, 1993², pp. 110 e segs.; Richard Kroner, *Von Kant bis Hegel*, Tübingen, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1977, 2.^a ed., vol. 2.º, p. 152.

estaria condenada a permanecer um desejo vã. Exige-se, por isso, que tentemos compreender mais claramente as intenções de Hegel, nos princípios do século XIX, as razões para, a partir de então, se dedicar exclusivamente à «ciência», e a forma como tais razões, longe de instaurarem uma ruptura com as suas preocupações anteriores que, em face da ciência, teriam de ser classificadas como subordinadas, exprimem a muito consciente necessidade de proporcionar a estas o seu acabamento sistemático, sem o qual seriam apenas opinião não fundamentada.

2. A NECESSIDADE DA FILOSOFIA

*Será legítimo vermos, na mencionada carta a Schelling, uma reserva de Hegel em face do curso seguido até então pelo pensamento do seu antigo discípulo? Por outras palavras: a necessidade de filosofar — que, no ano seguinte, esta *Differenzschrift* apresentará como característica fundamental da época, mas que resultou, em primeiro lugar, da experiência pessoal do seu autor — e a proclamada intenção de o fazer com Schelling, anunciarão uma adesão sem reservas às teses schellinguianas? E por que motivo, nesta sua primeira obra, Hegel insiste, justamente, nas diferenças entre Fichte e Schelling? Sendo elas embora, pelo menos parcialmente, já do domínio público, Schelling procurava ainda um acordo com Fichte, como é patente na Exposição do Meu Sistema de Filosofia, cuja publicação precede apenas de algumas semanas a da *Differenzschrift*, e ainda, em 1802, em Bruno ou acerca do Princípio Divino e Natural das Coisas. A pertinência deste conjunto de questões parece-nos a nós ser notória, a partir do momento em que reparamos no seguinte: primeiro, que à data em que Hegel envia a referida carta, a obra principal de Schelling era o Sistema do Idealismo Transcendental, publicado nesse mesmo ano, onde uma adesão ao fichteanismo parecia ser ainda evidente, impedindo mesmo que tudo aquilo que, no desenvolvimento filosófico de Schelling desde 1797 — ou seja, na «filosofia da natureza» —, parecia anunciar um caminho divergente, se transformasse em ruptura declarada; segundo, que ainda em Outubro de 1801, na carta a Fichte que mencionámos na nota n.º 3 (ou seja, cinco meses após a publicação da Exposição), a referência à obra de Hegel, enquanto sinal de que a natureza das relações entre Fichte e Schelling começava a ser objecto de debate entre o público filosófico, é precedida de uma observação conciliadora, em que Schelling dá a entender que, pelo menos provisoriamente, deixará a cada um o trabalho de descobrir eventuais diferenças entre ele próprio e Fichte.*

ÍNDICE

Introdução de CARLOS MORUJÃO	7
<i>Bibliografia</i>	25

DIFERENÇA ENTRE OS SISTEMAS FILOSÓFICOS DE FICHTE E DE SCHELLING

Advertência prévia	29
As diversas formas que aparecem no filosofar dos nossos dias	33
Exposição do sistema de Fichte	61
Comparação entre o princípio da filosofia de Schelling e o de Fichte	93
Acerca do ponto de vista de Reinhold e a filosofia	111
<i>Notas</i>	129
<i>Glossário alemão-português</i>	145